

O PRIMEIRO CONFLITO NO NOVO MUNDO: O REAL E O IMAGINÁRIO

Marcus Vinícius de Moraes

A chegada dos europeus à América e as práticas do processo de colonização estão diretamente vinculadas à projeção de imagens, sonhos e utopias que serão lançados sobre as novas terras. A história da Europa se transformará também na história da América. É preciso compreender em que contexto e época o Novo Mundo surgirá como “nova chance”, advento do milênio, riquezas e prosperidade para o Velho Mundo.

A palavra “*Utopia*”, em grego, significa “em lugar nenhum” e foi utilizada por Thomas More em 1516 para designar a ilha deserta e imaginária de sua obra. Diante de uma Europa castigada pelo frio e pela fome, Utopia se mostra como a inversão dessa condição. Os valores morais, tão corrompidos e criticados, como o adultério e os prazeres da comida e bebida ficam, certamente, em segundo plano, pois “[...] preferem principalmente os prazeres do espírito, que consideram como os principais e mais essenciais de todos. Pensam que os mais importantes advêm do exercício da virtude e da consciência de uma vida perfeita”¹. Ao destacar de que modo uma sociedade “deveria ser”, More mostra como sua sociedade, inglesa e europeia do século XVI, está indo numa direção contrária daquilo visto como perfeito para o autor. É como se “[...] o paraíso perdido fosse fabricado para responder a desejos e frustrações dos homens [...]”².

O pensamento utópico é o território da esperança, lugar onde tradicionalmente a nostalgia encontra refúgio e desde onde se projeta o futuro. O lugar que não existe, o país de nenhuma parte: “O território da utopia que ‘não está aqui’ supõe o esforço de criação de outro mundo, alteridade que recupera as virtudes do passado, se projeta no futuro ou,

¹ MORUS, Thomas. *Utopia*. São Paulo: Martin Claret, 2004.p.81.

² HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*.São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000.p.186.

simplesmente, se representa como já existente, apenas dado em outro lugar. Esse outro mundo de alteridade representa uma contra imagem crítica desta realidade [...]”³. A utopia mais racional se enraíza inevitavelmente com o Paraíso perdido, com a expulsão do homem do Éden. Existe perfeição nos primórdios. Parece existir uma beatitude inicial no Paraíso: “[...] os mitos recordam continuamente que eventos grandiosos tiveram lugar sobre a Terra, e que esse “passado glorioso” é uma parte recuperável”⁴.

O descobrimento da América será um acontecimento de forte impacto no imaginário europeu dos séculos XV e XVI. Essas novas terras farão parte, agora, da história do continente europeu, serão vistas, lidas e interpretadas, todas as ilhas e locais, pelos olhos daqueles que chegam. A Europa constrói mais uma *utopia* que dessa vez, no entanto, se apresentará de forma física diante dos olhos da imaginação. O continente europeu encontrará o que sempre sonhou e projetará nessas novas terras aquilo que não quer mais, depositará suas crenças de um mundo melhor num novo local, a partir de uma nova oportunidade, em um *Novo Mundo*.

O caminho para as Índias nunca foi separado da possibilidade de se encontrar o Paraíso. A viagem e a travessia marítimas ganham tons hagiográficos, na medida em que a literatura registrará o sofrimento e as dificuldades de homens cristãos a atingir o paraíso perdido. A travessia oceânica assombra e deslumbra, seduz e causa medo. Seu poder de atração seja pela curiosidade ou vontade de enriquecer, podem levar homens a destinos incertos. De que maneira a América será narrada está diretamente vinculada ao modo com que a Europa pôde enxergar a América. O Novo Mundo, assim, “[...] incorporou-se ao imaginário europeu com uma série de atributos que já haviam sido delegados a ela muito antes de ser descoberta. [...] a América já fazia parte do imaginário europeu, representando para Colombo apenas a comprovação de tudo o que havia sido produzido

³ AÍNSA, Fernando. *De la edad de oro a El Dorado: génesis del discurso utópico americano*. México: FCE, 1992.p.10.

⁴ELIADE, Mircea. *Op.cit*.p.128.

pela sua imaginação”⁵; “A curiosidade do viajante, no entanto, é duplamente singular. Porque ele não quer conhecer, e sim comprovar”⁶. Tudo estava pronto para receber essas novas terras, de que modo elas seriam, o que encontrar, que tipo de pássaros e habitantes existem; tudo isso já havia sido falado, discutido e escrito durante séculos na tradição da cultura ocidental: “[...] as crenças de Colombo influenciam suas interpretações. Ele não se preocupa em entender melhor as palavras dos que se dirigem a ele, pois já sabe que encontrará ciclopes, homens com cauda e amazonas [...]”⁷. O navegador tenta encaixar a realidade naquilo que ele imagina encontrar nesse mundo. O Paraíso foi, finalmente, encontrado, pois era o que diziam as escrituras. Começam as buscas para identificar o que já existia no que existe: São Tomé, as viagens de São Brandão, Moisés, profecias de Isaías, em todo e qualquer acontecimento no Novo Mundo. O mundo real, aos olhos dos cronistas, começa a dar pistas de que as profecias e as escrituras se concretizam. A descrição de cada “jardim das delícias”, de cada terra prometida ou sonho encontrará na América a chance de se tornar real. O Paraíso existe e uma nova “miragem” se forma. Talvez isso tenha ocorrido apenas num primeiro instante, nos primeiros anos de colonização; fenômeno delicado que certamente aconteceu naqueles olhos europeus que, porventura, enxergaram ou leram sobre esses descobrimentos, mas que ainda não tinham se deparado com a realidade latente.

O Paraíso, então, será pintando pelos olhos e ao gosto da pena do conquistador: “[...] as primeiras imagens são paradisíacas: uma vegetação exuberante, águas límpidas, aves raras [...] Exageros de viajantes impressionados pela magia dos trópicos, inspirados no Paraíso Terrestre”⁸. A partir disso, a América tinha que ser o que se esperava dela e pouco importava a realidade, desde que se acreditasse no projeto: os fatos não penetram

⁵ THEODORO, Janice. *América Barroca*. São Paulo: EDUSP, 1992.p.42.

⁶ GIUCCI, Guillermo. *Op.cit*.p.26.

⁷ TODOROV, Tzvetan. *Op.cit*.p.19.

⁸ GRUZINSKI, Serge. *Virando os séculos: 1480-1520*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.p.14.

no mundo onde vivem nossas crenças, diz Marcel Proust. O Novo Mundo ficará, num primeiro instante, no campo das idealizações.

Essas idealizações podem ser percebidas durante o processo missionário franciscano após 1524, de tradição milenarista. Aparecendo com muita força no século XII, a partir das idéias de Joaquim Di Fiore, o milenarismo apresenta-se, na maioria das vezes, como retorno a um modelo de princípio e aperfeiçoamento desse mesmo modelo. As crenças milenaristas sempre estiveram ligadas à idéia de Paraíso Terrestre, seria o tempo do reinado terrestre de Jesus e, este, aconteceria em breve: “[...] reencontrar e instaurar uma terra paradisíaca onde o lobo e o cordeiro viveriam juntos, e onde a criança poderia sem perigo pôr a mão na toca da víbora”⁹. Transportou-se da nostalgia do Éden à esperança de um novo paraíso, à espera de um reino deste mundo. É apontar em direção ao horizonte de reconciliação e fraternidade onde muitos anos de felicidade existirão antes da segunda vinda do Messias. É preciso que no fim dos tempos toda a maldade seja aniquilada da Terra e que a justiça reine durante mil anos. Haverá a destruição dos inimigos e do Anticristo, o término dos sofrimentos, a reconstrução da Nova Jerusalém e os judeus serão, finalmente, convertidos. No futuro há um “tempo de provação”, depois um “tempo de repouso” e, por fim, a “eternidade”.

A Espanha foi invadida por correntes escatológicas, especialmente joaquimitas e franciscanas e essas expectativas podiam ser recuperadas pela propaganda favorável aos próprios Reis Católicos. Para esta Espanha, esse período é áureo e, Filipe II, o herói; ele representava os ideais de uma monarquia sólida que baseava toda sua política cultural nos princípios surgidos da Contra-Reforma. A unificação do mundo espanhol pressupunha, nesse caso, o próprio advento do milênio.

A história da América começa, assim, com a espera do milênio e as promessas de glória migravam para o outro lado do Atlântico. Mas como em todas as utopias do gênero,

⁹DELUMEAU, Jean. *O pecado e o medo: a culpabilização do Ocidente*: Edusc, 2003.p.364.

o que se terá no novo continente é uma forma de utopia das ordens religiosas, que parte de uma crítica contra o que está acontecendo não apenas no mundo religioso europeu, mas sobretudo nas atitudes que os próprios conquistadores estão realizando no Novo Mundo. Os padres missionários não vão ser contra a dominação e trabalho indígenas, mas sim, contra o modo como isso é feito.

O projeto catequético na América teve início com os regulares e, de fato, os franciscanos receberam o privilégio de iniciar o processo: “[...] a preferência da Monarquia recaiu sobre os frades *reformados* ou *observantes*, pois estes, além de não alimentarem pretensões senhoriais, eram zelosos dos votos de pobreza e dedicação à obra evangelizadora”¹⁰. No entanto, os padres enquadraram o “descobrimento” das novas terras numa história universal, escrita por Deus e inacabada. Bernardino de Sahagún deixa claro que esse projeto faz parte de uma dominação, justificada pela salvação da alma: “O reino terrestre de Deus é a Igreja católica; ninguém pode entrar no reino dos céus se não tiver sido antes súbito no reino da terra”¹¹. Existe, portanto, uma necessidade de que o Evangelho seja proclamado em todo o mundo, para dar a cada um a chance e a oportunidade de aceitar ou não a salvação oferecida pelo sacrifício de Jesus.

Iniciada a catequese a conversão em massa desses indígenas torna-se necessária, eles devem ser cristãos a todo custo e, mesmo sem entender, receberão o santo batismo: o contingente de indígenas, os novos cristãos, tudo era visto como presente de Deus para repor os fiéis perdidos durante a Reforma de 1517: era preciso que se “[...] restaurase y se recompensase la Iglesia católica con conversión de muchas ánimas, la perdida y daño grande que el maldito Lutero había de causar[...]”¹². A América surge, portanto, como depósito do pensamento utópico europeu, verdadeiro laboratório social das mudanças impossíveis de acontecer no Velho Mundo. A cristianização da

¹⁰SALINAS, Samuel Sérgio. “A Igreja Católica e a Conquista Espiritual do Novo México”.in.:*Confronto de culturas: conquista, resistência, transformação*. São Paulo: Edusp, 1997.p.144.

¹¹RICARD, Robert. *Op.cit*.p.169.

¹²MENDIETA, Gerónimo. *História Eclesiástica Indiana*. México: Cien de México, 1997.p.305.

América não faz senão provar o destino da peregrinação da Igreja na Terra: “Há que ‘cristianizar’ porque estamos na ‘última tarde’ do mundo. [...] A evangelização se inscreve na idéia de que o ‘Novo Mundo’ equivale ao fim do mundo”¹³.

Dessa idéia vem a postura de ter pressa, a necessidade de correr e converter rapidamente os indígenas com velocidade nos batismos antes que o mundo acabe e milhões de almas fiquem sem salvação: “diante da impossibilidade de uma catequese [...] que implicasse efetiva mudança de vida sob a égide dos valores evangélicos, o clero missionário optou pela catequese salvífica e pela ação soteriológica imediata: batizar em massa, fazer decorar as verdades fundamentais [...]”¹⁴. Nesse caso, a escolha foi por uma conversão superficial, baseada na aparência, em que os ensinamentos caem por terra e onde o importante mesmo é estar apto a entrar no Reino do Senhor.

Os padres terão uma visão romântica e ingênua do patrimônio cultural indígena, serão vistos como inocentes, livres do pecado original, como homens dos tempos de Adão: “[...] os franciscanos queriam ter uma autoridade que eles se julgavam os únicos capazes de exercer para a salvação de um povo ainda criança”¹⁵.. Os nativos são associados às crianças, puras, sem conhecimento, inteligentes em potencial, mas que precisam de instrução. Aos olhos da utopia milenarista é o bom selvagem de Montaigne que aparece em cena: “São homens que saem das mãos dos deuses; eles são muito pouco modificados pela ingerência do espírito humano, tendo quase nada perdido de sua simplicidade primitiva”¹⁶ e dotados de valores morais, muito mais do que aprender, podem ensinar: “[...] estes naturais são puramente crianças, sustenta Las Casas [...]”; os nativos são como crianças recém-nascidas e, portanto, maleáveis como a cera [...]”¹⁷. Muitos

¹³AÍNSA, Fernando. *Op.cit.*p.141.

¹⁴KARNAL, Leandro. *Teatro da fé – representação religiosa no Brasil e no México do século XVI*. São Paulo: Hucitec, 1998.p.230.

¹⁵DELUMEAU, Jean. *Op.cit.*p.207.

¹⁶MONTAIGNE, Michel. *Dos canibais*.

¹⁷AÍNSA, Fernando. *Op.cit.*p.150.

destacam também a fraqueza física dos indígenas e sua debilidade corporal deve ser levada em consideração.

Os franciscanos almejavam construir um mundo diferente daquele erguido pelos conquistadores; um mundo dentro do outro, só que mais puro, moralmente correto e distante dos vícios e pecados da sociedade. Lutavam, entre outras coisas, para manter seus neófitos isolados do contato dos demais colonos espanhóis, na tentativa de evitar quaisquer “contaminações morais” aos recém convertidos. Todo o sonho de se formar um novo mundo cristão transportava-se, então, para a América. Tudo o que não foi possível de ser realizado na Europa, concretizar-se-á no Novo Mundo, virgem, perfeito, sem vícios, catequizado pelos franciscanos, que não sofrem de ganância nem cobiça: “recriar a simplicidade e a pobreza da idade apostólica já não era possível na velha Europa; se necessitava um Novo Mundo”¹⁸: Pode-se dizer, inclusive que “[...] um mito que dominou a história da América durante séculos foi a crença de que o Novo Mundo é o teatro geográfico em que as idéias do Velho Mundo podem ser livremente aplicadas”¹⁹. Nesse sentido, a principal vontade da ordem franciscana era “[...] fazer do mundo indígena uma nova cristandade equiparável à Igreja primitiva dos primeiros apóstolos”²⁰. O México foi tomado por religiosos que não estavam interessados em destruir, simplesmente, a cultura do indígena, mas em conhecê-la para poder melhor suplantá-la por valores cristãos.

Como exemplo de missionário franciscano na catequese da Nova Espanha, o frei Gerónimo de Mendieta e seu livro *Historia Eclesiástica Indiana* fornecem importantes informações sobre o período. Dentro dessa obra, que alguns classificam de tradição milenarista, se destacará os capítulos relativos à prática da confissão e ao sacramento da penitência.

¹⁸WECKMANN, Luis. *Op.cit.* p.94.

¹⁹PHELAN, John Leddy. *The Millennial Kingdom of the Franciscans in the New World*. Berkeley: University of California Press, 1970.pp76-77.

²⁰WECKMANN, Luis. *Op.cit* ibidem.

Mendieta nasceu em 1525 na cidade de Vitória, Espanha e ingressou na ordem de São Francisco aos vinte anos, em que estudou Artes e Teologia. No momento em que ele escreve, a instituição franciscana já havia se instalado e se espalhado pela Nova Espanha. Mas é muito difícil, no entanto, dizer que tipo de tradição milenarista mais influenciou Mendieta. O autor escreve num momento em que as esperanças de se construir uma América perfeita já começam a ser colocadas em dúvida. A obra de Mendieta aparece como lamento de uma idade perdida, muito mais do que a proposta de uma sociedade utópica. Isso não significa que ele é descrente dessa “utopia”, mas sim “desanimado”; já não tem total certeza de que ela ocorra com tanta rapidez como os primeiros frades achavam. Para ele, desencantado com o mundo, o por vir é bastante incerto e seus escritos servem para mostrar como as coisas um dia foram perfeitas na América, mas que os caminhos seguidos foram errados: “[...] seus contemporâneos deveriam olhar para esta imagem e tentar parecer com ela. A salvação das almas era a única coisa que justificava a presença espanhola na América, mas o momento em que escreve marca o fim de um período e representa um olhar nostálgico para algo que ficou para trás: “[...] as obras dos religiosos transformarem-se em hagiografias e apologéticas, procurando constituir uma memória de heroísmo e perfeição sobre uma época e um poder que franciscanos [...] desejavam de volta”²¹. Nesse sentido, *Historia Eclesiástica Indiana* será importante, pois “[...]se converte não apenas em fonte de datas sobre a época da primeira evangelização, mas também em documento sobre a mentalidade, os valores e os conflitos, entre a imaginação e a realidade, de uma sociedade em crise”²²

²¹Idem. *Op.cit.*p.219.

²²GARCIA, Antonio Rubial. *Op.cit.*p.45.